



## A FESTA DO POVO DE DEUS (The feast of the People of God)

**Raimundo Carvalho Gordiano**

Mestrando em Missiologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)  
E-mail: raimundocordiano@gmail.com

### RESUMO

A festa é elemento constitutivo das dimensões humanas referindo-se, sobretudo, ao seu nível simbólico. Envolve todas as dimensões, harmonizando a compreensão cíclica e linear de tempo. Todos os povos e culturas vivem a dimensão da festa como um fato permanente e novo, repetido a cada período, embora sempre como uma nova realização. Altera e renova o ritmo do cotidiano, superando o perigo da rotina. Na Tradição Cristã, a festa tem como centralidade o Mistério Pascal de Cristo, enfocado em todas as celebrações litúrgicas atualizando o evento histórico da vida, morte, ressurreição de Jesus e inserindo o fiel nesse mesmo Mistério. As comunidades ribeirinhas da diocese de Coari, no Amazonas, sobre o qual versa este texto, se inserem nessa dinâmica, realizando a cada ano a festividade de seus santos padroeiros como a expressão maior de sua vitalidade evangelizadora em suas três dimensões: religiosa, social e cultural. Tais festas revelam a presença e vivência do Evangelho acolhido nesse ambiente cultural, ao mesmo tempo em que apontam para riscos e possibilidades na renovação do processo evangelizador, através das expressões de fé, de acolhimento, de comunhão e orações comunitárias. A festa das comunidades atualiza o Mistério Pascal de Cristo e renova sua vitalidade.

**Palavras-chave:** Festa; Páscoa; Comunidades ribeirinhas; Santos padroeiros.

### ABSTRACT

The feast is a constitutive element of the human dimensions referring mainly to its symbolic level. It involves all the dimensions, harmonizing the cyclical and linear understanding of time. All people and cultures live the dimension of the feasty as a permanent and new fact repeated every time, but always as a new achievement. It changes and renews the daily rhythm overcoming the danger of routine. In the Christian tradition, the party has as central event the Paschal Mystery of Christ, focused on all liturgical celebrations updating the historical event of life, death, resurrection of Jesus and inserting the believer in that same Mystery. The communities along the tiny rivers of the Diocese of Coari, in the Amazonas state, to which this text talks about, are inserted in this dynamic process, performing every year the feast of their patron saints as the greatest expression of his evangelising vitality in its three dimensions: religious, social and cultural. These festivals reveal the presence and experience of the Gospel accepted in this culture environment while pointing to risks and opportunities in the renewal of the process of evangelization, through expressions of faith, hosting, communion and community prayers. The communities feast update the Paschal Mystery of Christ and renew its vitality.

**Keywords:** Feast; Easter; Riverside communities; Patron saints.



## INTRODUÇÃO

A festa é algo tão presente na vida humana que pode ser entendida como uma dimensão de sua realidade. Em todas as culturas, os povos celebram fatos, acontecimentos e situações de sua história, bem como promovem momentos de entretenimentos para alimentar a comunhão, partilhar experiências, solidificar os laços de fraternidade entre seus membros e fortalecer sua identidade.

Na Tradição Cristã, a festa do povo de Deus tem como centralidade a Páscoa de Jesus Cristo. Interligando tal experiência a esta perspectiva, as comunidades ribeirinhas da diocese de Coari, sobre as quais versa este artigo, celebram a centralidade da vida na dimensão da fé (eucaristia) e a dimensão da fé nas festas da vida (cultura), mesclando expressões de fé cristã com os elementos da cultura popular. Porém, nem todas as expressões festivas estão em sintonia com o Mistério Pascal. Eis porque a proposta de se refletir sobre essa temática a partir da festividade dessas comunidades.

Todos os anos as comunidades realizam as festas de seus padroeiros como fruto de herança cultural construída desde o início da chegada do Evangelho à região. A devoção aos santos tem centralidade nessa prática. Ao redor dessa presença, as festividades religiosas, sociais e culturais são desenvolvidas. Em todas elas há elementos significativos de evangelização e promoção humana, mas há também elementos questionáveis quanto ao conteúdo humano-evangelizador.

O texto está organizado a partir do sentido antropológico da festa. Na segunda parte reflete-se a relação da festa dos santos com a celebração litúrgica, cuja centralidade está no Mistério Pascal. Ao final busca-se apontar elementos harmonizadores entre essas festas dos santos padroeiros e a evangelização, indicando os elementos culturais, litúrgicos e sociais que se harmonizam com a evangelização.

## 1. A FESTA E A LITURGIA CRISTÃ

A festa é uma experiência humana presente em todas as culturas. Está relacionada à dimensão simbólica da existência. O ser humano é um ser festeiro. Sabe celebrar a vida. Rememora, lembrando momentos fortes do passado. Comemora as vitórias do presente. Alegra-se com os sinais de futuro. Eis o que diz ALVES:

A festa se faz presente em todas as sociedades, seja ela celebração, comemoração, fruição, diversão, espetáculo, ritual, brincadeira, investimento, trabalho, religião. Inúmeras são as festas, ao mesmo tempo em que são únicas, singulares. Cada uma delas exprime o modo de viver dos grupos sociais, que nelas produzem e reproduzem sentidos e significados diversos<sup>1</sup>.

Sendo experiência tão abrangente, a festa toca as várias dimensões da vida humana: o trabalho e a produção, o descanso e o lazer, o sagrado religioso e o “profano” secular, a vida familiar e os caminhos individuais. Marca o tempo e as estações, a alegria e a dor. Por isso

---

<sup>1</sup>ALVES, Vânia de Fátima Noronha. *A festa como possibilidade de mobilização social*. Texto apresentado no X Congresso Nacional de Recreación Coldeportes/ FUNLIBRE, 10 a 12 de julho de 2008, Bogotá: D.C., Colômbia, p.2.



mesmo pode-se abordar esse tema de variadas maneiras, por diversos ângulos. Por ora basta apenas mirar seu sentido em alguns traços culturais que permitam adentrar na relação da festa pascal cristã e sua concretização nas pequenas comunidades da diocese de Coari.

## 2. O SENTIDO DA FESTA

Há sentido na experiência universal da festa e no ato de festejar. Muito maior que a abstração conceitual, tal fato se revela na experiência coletiva, embora para cada pessoa haja também uma compreensão ou sentido único. Em termos conceituais, “não existe uma festa, e sim várias, pois cada indivíduo pode participar dela de uma maneira. Além disso, existem várias festas dentro da festa. Para cada um ela é uma”<sup>2</sup>.

O sentido da festa atinge a noção de tempo. Tem mais relevância o valor aplicado ao momento vivido na companhia de outras pessoas, do que os segundos, horas ou dias contados cronologicamente em sua realização. É como lembra o salmista – “mais vale um só dia em tua casa do que milhares fora dele” (Sl 84,11). A concepção de tempo na vivência da festa se pauta numa visão diferente da cronologia. Regina Abreu faz referência a duas concepções diferentes de tempo: a linear e a cíclica: a concepção linear é também assimétrica: os acontecimentos históricos ocorrem de forma e em tempo imprevisíveis. Enquanto na concepção cíclica do tempo os acontecimentos são reversíveis e repetitivos<sup>3</sup>.

Recorrendo-se a essa visão de tempo, pode-se dizer que a festa realiza-se, harmonizando as duas visões. Ano após ano, década após década, a festa é realizada, no mesmo dia, na mesma hora, repetitivamente. Os mesmos símbolos, os mesmos ritos. Contudo, sempre com as novidades e marcas trazidas pelo tempo linear que não volta jamais.

A festa tem sabor de eternidade, ao mesclar gratuidade, espontaneidade, igualdade, fraternidade. Aproxima-se das atividades inúteis. Não serve para nada, isto é, não é coisificada, sua finalidade está nela mesma. É passageira e, se perdurar com frequência, perde sentido porque vira rotina. A festa é feita para se sair da rotina da vida cotidiana ou lhe conferir um sentido renovado. Quem festeja para viver melhor sabe ressignificar a vida e a festa. Se alguém se atreve a viver para festejar, corre o risco de fazer perder sentido a ambas.

Nesse breve olhar sobre a festa, constata-se a natureza cultural do ato de festejar, que traz para o presente as alegrias do passado na esperança de viver melhor o futuro. Tal experiência toca todas as dimensões da pessoa que festeja. Por isso mesmo, embora haja apenas um só evento festejado, cada pessoa pode senti-lo diferentemente. O dado comum é que ela aponta em direção a algo que ultrapassa o tempo do relógio. É assim na experiência cristã; a festa da páscoa reúne em si os elementos de um passado que se torna presente, renovando a ambos e antecipando o futuro definitivo.

---

<sup>2</sup> Ibidem, p.1.

<sup>3</sup> ABREU, Regina. Patrimônio cultural: tensões e disputas no contexto de uma nova ordem discursiva. In: *Antropologia e patrimônio cultural, diálogo e desafios contemporâneos*. São Paulo: Nova Letra, 2007, p. 264.



## 3. A LITURGIA CRISTÃ

A centralidade da vida cristã está no Mistério Pascal de Cristo: mensagem, projeto, vida, morte, ressurreição, envio dos discípulos e ascensão. Esse mistério é celebrado seguindo o mandato especial que Ele próprio ordenou aos discípulos: “*Fazei isto em memória de mim*” (Lc 22,19; 1Cor 11,24-25). A celebração cristã se constrói e se desenvolve ao redor da Páscoa como evento e como mistério. A liturgia como festa cristã celebra o evento pascal, atualiza-o e insere os participantes no mistério de vida, morte e ressurreição do Senhor na história, não somente como algo do passado, como também caminhada em direção à Páscoa definitiva.

A celebração cristã da Páscoa remonta ao início da história cristã. Os primeiros cristãos celebravam-na ao modo herdado dos judeus, sintonizando-a com o mistério de Jesus, conferindo-lhe um sentido de plenitude. Segundo descreve os Atos dos Apóstolos, todos os dias rezavam, partilhavam o pão (At 2 – 5). Com o aumento do número de fiéis, passaram a celebrar no primeiro dia da semana (At 20,7). Paulatinamente foram-se definindo os elementos comuns para a celebração desse mistério. A Páscoa cristã é o sinal profético e sacramental da morte de Jesus na cruz, o verdadeiro cordeiro pascal. Pela atualização do sacrifício de Cristo, ela cumpre o que a Páscoa judaica prefigurava e prometia<sup>4</sup>.

A centralidade do Mistério Pascal é definitiva na vida cristã e densamente manifesto na liturgia. O ano litúrgico, organizado com as festas e comemorações dos santos, ressalta que “a existência dos dias santos é um modo de reconhecer que todo o nosso tempo pertence ao Senhor. O ano cristão, na verdade, celebra o curso da vida, a morte e a exaltação de Cristo”<sup>5</sup>. A densidade desse mistério está na celebração eucarística. Convém ressaltar, todavia, o que diz o texto conciliar referente à liturgia:

“A Liturgia, por sua vez, impele os fiéis, (...), a viverem unidos no amor; (...) pela renovação da aliança do Senhor com os homens na Eucaristia, estimula e fortalece os fiéis na caridade urgente de Cristo. É, portanto, da Liturgia, principalmente da Eucaristia, que, como de uma fonte, brota para nós a graça e se obtém com a máxima eficácia a santificação em Cristo e a glorificação de Deus, a que se ordenam, como sua finalidade, todas as outras obras da Igreja” (SC,10)<sup>6</sup>.

O mistério Pascal de Cristo é o centro, cume e fonte da vida da Igreja (SC, 10) especialmente na Eucaristia, quando o Cordeiro de Deus é imolado e oferecido como alimento. É fonte de energia e vitalidade, amadurecimento e santidade do cristão; cume para onde indica e se encaminha a igreja: a comunhão plena e definitiva do Povo em Deus, cuja alegria já se experimenta, sacramentalmente na Sagrada Liturgia. Observando o que diz o Concílio, o Mistério Pascal de Cristo não se restringe à celebração eucarística porque “qualquer celebração litúrgica, enquanto obra de Cristo sacerdote e do seu Corpo que é a Igreja, é ação sagrada” (SC,7). Essa prerrogativa sustenta e dá sentido de comunhão a todas as celebrações realizadas ao longo do ano litúrgico, nas quais se procura enfatizar a participação na ação de Deus através do Mistério Pascal de Cristo.

<sup>4</sup> SANTOS, Luciano dos. A festa da páscoa: um olhar panorâmico em sua gênese e evolução. In: *Revista de Cultura Teológica*, v. 18 – N.72 – Outubro/Dezembro 2010, SP, pp. 181-182.

<sup>5</sup> R.T.B. Calendário Litúrgico. In: *Novo Dicionário de Teologia*, São Paulo. Editora Hagnos, 2009, pp.168-169.

<sup>6</sup> Constituição Dogmática Sobre a Sagrada Liturgia, Sacrosanctum Concilium.



## 4. A FESTA DOS PADROEIROS DAS COMUNIDADES RIBEIRINHAS

As comunidades ribeirinhas da diocese de Coari<sup>7</sup> realizam a cada ano suas festividades, tendo como centralidade o Mistério Pascal de Cristo, adaptado à sua realidade. Do total de 436 comunidades da Diocese, 374 estão localizadas às margens dos lagos ou rios da região e por isso são chamadas ribeirinhas. Dentre as situações especiais de sua realidade, encontram-se os traços da cultura ribeirinha, atualmente cada vez mais mesclada com elementos da cultura rural como um todo, e elementos da cultura urbana<sup>8</sup>. Outro dado distintivo é o de serem animadas pela atuação dos leigos que, entre outros serviços, presidem a celebração da palavra aos domingos e nos dias de festa de seus padroeiros.

A festa da comunidade, ou festejo do santo, como é chamado, é celebrado a cada ano no dia do santo ou em fins de semana mais próximos. Aqui também há situações especiais, tais como a celebração em datas distantes do dia litúrgico, em decorrência do movimento da subida e descida das águas do rio. Há localidades em que a seca excessiva impede o acesso dos participantes e dos visitantes; em outras, é o tempo da cheia que atrapalha. As datas são alteradas para antes ou depois da enchente, de acordo com o período que permite melhor acesso aos locais.

## 5. OS FESTEJOS DOS SANTOS E SUAS DIMENSÕES: RELIGIOSA, SOCIAL E CULTURAL

As comunidades organizam sua festividade em três conjuntos de elementos interligados, ora analisados distintamente por questões pedagógicas: religiosa, social e cultural. O objetivo maior é comemorar o santo e expressar a devoção comunitária. A religiosidade popular é marca expressiva desse catolicismo assumido pelo povo desde o primeiro anúncio do Evangelho nessa região. A liturgia oficial foi enriquecida com elementos das tradições culturais locais: cantos, ladainhas, procissões, jogos. Tudo faz parte da festa, cada qual no seu tempo e lugar apropriado.

---

<sup>7</sup>A atual Diocese de Coari, localizada no Médio Rio Solimões, no Amazonas, foi criada em 13 de julho de 1963, pelo Papa Paulo VI, com a bula “*Ad Christi*”, e instalada a 11 de março de 1964. O primeiro administrador apostólico foi D. João de Souza Lima, Arcebispo de Manaus; sendo entregue aos cuidados da Congregação do Santíssimo Redentor. (SILVA, F. Agnaldo Barbosa da. **O resgate do catecumenato na formação dos cristãos na prelazia de Coari**, 2008, p. 12 Dissertação (Mestrado em Teologia Sistemática, concentração em Liturgia) Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, São Paulo).

<sup>8</sup> Por ocasião do Jubileu do Ano 2000, o segundo bispo da Prelazia, D. Gutemberg Freire Regis, escreveu três ‘cadernos pastorais’ (Pistas da Caminhada, Pistas das Assembleias e Pistas Ribeirinhas). No primeiro, apresenta elementos da cultura local a partir do tema Comunidades: oralidade, impulsividade, migração. (REGIS, Gutemberg Freire. **Pistas da caminhada**. Manaus: Belvedere, 1999).



## 5.1 DIMENSÃO RELIGIOSA

A dimensão religiosa do festejo da comunidade é realizada respeitando-se a proposta da liturgia da Igreja, adaptando-a à realidade local. Algumas comunidades festejam as nove noites de celebração em preparação ao dia do padroeiro. Outras realizam o Tríduo, celebram na capela ou nas casas dos familiares. Independentemente da quantidade de noites celebradas (duas, três, sete, nove), recebe popularmente o nome de *novenas*. Em algumas comunidades celebra-se o roteiro do culto da Palavra, em outras o terço comunitário ou as novenas, conforme o costume, mesclando tudo e incluindo a ladainha antiga em latim.

O dia do padroeiro, ou o dia do santo, é o dia mais importante para a comunidade em festa. Assim como “é comum o povo participar da comunidade só no tempo do festejo do santo”<sup>9</sup>, há comunidades nas quais toda a festividade se resume a esse dia. Imprime-se todo o esforço possível para que a equipe pastoral possa se fazer presente e, quando o padre vem junto com ela, celebra-se a eucaristia. Quando não há padre, os leigos da equipe ou o dirigente da comunidade presidem a celebração da Palavra.

Ao final da celebração é comum a realização da procissão com todos os presentes. Comum pelo costume da realização; no entanto, é uma experiência muito especial ao povo, que imprime grande importância a essa prática, sobretudo nas festas dos santos mais populares na diocese, a saber: Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e São Francisco<sup>10</sup>. Poucas comunidades têm São Pedro como Padroeiro, porém a procissão do santo é realizada em todas as paróquias, pela identificação com a realidade ribeirinha da diocese e a vida do pescador, além de tê-lo como patrono da Igreja Universal. O evento é celebrado em grande estilo, com a participação do povo que assiste à passagem dos barcos no pequeno trecho do rio em frente às cidades. No entanto, o destaque maior é para a grandiosidade da procissão e da festa de São Francisco de Assis.

Em todos os sete municípios da Diocese se festeja São Francisco e em todas as comunidades que o tem por padroeiro celebram-se as nove noites de preparação. Mesmo considerando a festividade do santo de Assis em várias comunidades ribeirinhas e em algumas comunidades urbanas da diocese, constata-se que a festa franciscana realizada na Paróquia Santuário São Francisco, na cidade de Anamã, é a mais expressiva. Com muita evidência, entrelaçam-se traços religiosos, sociais e culturais muito profundos: é a festa da cidade; para lá acorrem gente de todas as localidades do município, de outros municípios e da capital do Estado. O dia de São Francisco em Anamã é o dia da grande Festa do Santo e da cidade. O município todo se reúne para festejar seu padroeiro.

<sup>9</sup> PRELAZIA DE COARI. *Plano de Evangelização (2010-2013). Renovar a missão e avançar na evangelização*. Coari: 2010, nº 24.

<sup>10</sup> Levantamento recente realizado na diocese comprova os padroeiros que mais se repetem nas 436 comunidades na seguinte ordem: São Francisco de Assis, 33 comunidades; Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, 23; Nossa Senhora Aparecida, 14. As demais comunidades variam um pouco mais os padroeiros de que são devotos.



## 5.2. DIMENSÃO SOCIAL

A dimensão social da festa do santo é desenvolvida com suas peculiaridades em cada localidade, com os seguintes elementos em comum: o leilão das prendas, o bingo, venda de comidas e bebidas, a música e a festa dançante. Na quase totalidade das comunidades, as prendas leiloadas são doadas pelos comunitários ou por devotos que vêm de outras localidades. A marca expressiva dessa experiência é que raramente se trata de bens de consumo industrializados: quase sempre é resultado da produção dos ribeirinhos, incluindo farinha de mandioca, frutas, animais (aves, bovinos, suínos), peixes e outros alimentos preparados para a ocasião. O mesmo se pode dizer dos prêmios utilizados no sorteio dos bingos: são doados pelos devotos, como expressão do compromisso com a comunidade, e com maior proeminência, como sinal de gratidão ao santo por alguma graça alcançada.

Essa dimensão da festa é a que mais levanta questionamentos. Ao mesmo tempo em que traduz a experiência do encontro, da alegria de estar juntos, do “pagar a visita”<sup>11</sup>, revela outras situações. Segundo REGIS, há uma cultura de festejos, que embora seja prática centenária, aos poucos foi instrumentalizada por pessoas que se aproveitam da religiosidade popular apenas por razões econômicas.

As críticas apontadas vêm desde a origem destas festas, frutos de devoção particular a algum santo, transformadas em devoção familiar e dedicadas ao padroeiro da localidade. Gradativamente o que era expressão de uma fé pessoal e familiar ganhou cunho de promoção econômica, pouco importando a experiência religiosa. Daí decorrem variadas consequências para os dias de hoje. O pluralismo religioso atual impõe questionamentos que não apareciam outrora<sup>12</sup>, acrescidos da invasão das drogas, o que ocasiona ainda mais problemas, sobretudo com a venda de bebidas alcóolicas.

A problemática das drogas tem aumentado a preocupação e o cuidado com o espaço de realização das festividades e eventos religiosos. Busca-se evitar ou impedir o comércio e o consumo de entorpecentes nos ambientes e momentos religiosos. O atual plano de evangelização diocesano indica essa situação:

Estamos passando por momentos desafiadores. (...) Além de atingir o momento presente, algumas situações ameaçam o futuro. A corrupção desenfreada, a violência em todos os níveis, a deturpação da religiosidade, a invasão das drogas e tantos outros<sup>13</sup>.

Outras críticas ficam por conta da não distribuição das responsabilidades assumidas na festa. Raramente o arraial (quermesse) ou a festa como um todo são assumidos pela coordenação da comunidade. É prática comum que o promotor da festa tenha pouca ou nenhuma relação com a comunidade local e, menos ainda, com a comunidade de fé. São pessoas experimentadas na realização de eventos. Lucram em nome do santo e deixam pouca contribuição financeira para a igreja.

<sup>11</sup> Uma comunidade, ao ser visitada por lideranças de outra, paga a visita, participando posteriormente da festa do santo padroeiro de quem a visitou.

<sup>12</sup> REGIS, Gutemberg Freire. *Pistas ribeirinhas*. Manaus: Belvedere, 2001. p. 17-19.

<sup>13</sup> DIOCESE DE COARI. *Plano de Evangelização (2016-2019)*, Coari: 2015, introdução.



O objetivo desses festeiros é o lucro financeiro. Não há uma preocupação com a evangelização, favorecendo práticas antievangélicas, contra a vida. Em épocas passadas, as pessoas podiam festejar com tranquilidade. Nos últimos anos, a falta de maior presença do Estado nessas regiões têm transformado muitos lugares em esconderijos para “foras da lei” e locais apropriados para o tráfico de drogas e ‘a pirataria nos rios’, em busca de dinheiro e cocaína<sup>14</sup>. A venda de bebida alcoólica funciona como chamariz para outras práticas, como a violência, os roubos e o tráfico. As músicas tocadas correspondem ao estilo das outras festas comuns. Desse modo, pouca coisa diferencia uma festa do santo, de outras.

O que há de diferente de outras festas é ressaltado por seu aspecto positivo (muitas doações, serviço voluntário, espontaneidade, alegria do encontro, conversas). O que há de semelhante favorece outros elementos negativos pela fragilidade da organização: músicas que não têm conteúdo humano/cristão evangelizador, bebedeiras, e espaço para a exploração econômica dos comunitários e outros devotos.

Assim se explica as críticas levantadas em relação a esta dimensão da festa do santo padroeiro das comunidades. Visto que o objetivo final de toda ação comunitária da igreja é evangelizar, resta olhar para a terceira dimensão dessa festividade e perceber os sinais de esperanças provindos de algumas experiências já realizadas, relacionando a alegria da festa do santo ao evangelho e à cultura ribeirinha local.

### 5.3 DIMENSÃO CULTURAL

A dimensão cultural é também mesclada às anteriores. A própria religião cristã católica ribeirinha é expressão de uma cultura religiosa impressa na vida do povo, desde antes da criação da diocese. O historiador Eduardo Hoornaert indica que a religiosidade popular ficou no substrato religioso do povo, como fruto da mestiçagem religiosa entre a religião oficial ensinada na catequese dos missionários e os costumes e tradições dos indígenas. Estes souberam mesclar a ambas, numa religiosidade que foi passada aos caboclos de outrora e de hoje<sup>15</sup>.

Esse catolicismo popular é celebrado através dos gestos, símbolos, cantos e orações do povo.

É manifestado nos festejos através dos símbolos como fitas coloridas amarradas nas imagens, bandeiras, mastros, foguetes, imagens rezas e águas bentas. Para alguns, Deus é severo e tão ameaçador como a natureza que não pode ser domada. Fazem promessas como se fossem contratos: se Deus cumprir sua parte, tenho que cumprir a minha; se não, vem o castigo<sup>16</sup>.

Além desses elementos culturais ligados à oração, há o costume do torneio de futebol. Essa prática tem sido questionada em decorrência de alguns torneios serem realizados durante o momento da celebração do padroeiro, sinalizando desrespeito ao festeiro, à comunidade e ao

<sup>14</sup>PAULO, Antônio. Governos do Norte planejam ação conjunta para combater ataques dos “piratas dos rios”, in *Acrítica*, 19 de fevereiro de 2016. Disponível em [http://acritica.uol.com.br/noticias/Governos-seguranca-Norte-conjunta-combater\_0\_1525647425.html] (acesso em 25/04/16). Obs.: uma parte do trecho onde ocorrem esses ataques corresponde à área entre a cidade de Tefé e Codajás, atingindo a área da diocese de Coari.

<sup>15</sup>HOORNAERT, Eduardo. *História da Igreja na Amazônia*, Petrópolis: Vozes, 1992, p. 137.

<sup>16</sup>PRELAZIA DE COARI. *Plano de Evangelização (2010-2013). Renovar a missão e avançar na evangelização*. Coari: 2010, n° 24.



santo. Todavia, é uma prática muito tradicional. Onde o povo se organiza bem, é possível festejar com alegria. Os profissionais dos torneios sempre marcam presença nas comunidades vizinhas nesses momentos.

Outras práticas tradicionais se visualizam na ‘levantação’<sup>17</sup> e derrubada dos mastros. No dia combinado, preparam-se várias árvores altas, sem galhos e se as enfeitam com frutas e/ou brinquedos. Colocam-nas em pé, para serem derrubadas ao final do festejo. No alto de um dos mastros, encontra-se a bandeira da festa. No dia combinado, realiza-se a derrubada dos mastros. Os festeiros que os levantaram são os primeiros a dar os golpes de machado para derrubá-los, enquanto o povo se prepara para retirar os brinquedos e as frutas. Enquanto o mastro cai, o povo retira os produtos. Quem retira a bandeira será o responsável por sua preparação no ano seguinte.

Junto aos mastros da festa, algumas comunidades preparam o ‘pau-de-sebo’: uma vara com quatro a cinco metros de altura, completamente lubrificada com graxa. No alto da vara encontra-se o prêmio, comumente em dinheiro. Quem conseguir chegar ao alto e retirar o dinheiro, pode levá-lo como prêmio. Há outras práticas culturais realizadas no período da festa do santo.

Além de outras, a festa do Divino Espírito Santo é a que mais alimenta essas práticas culturais. Onde é possível, realiza-se a coleta de donativos, pedindo doações ao ‘santo’. Na abertura do festejo, há a chamada canoada da luz: uma pequena procissão fluvial, na qual o barco com a “imagem do Divino” (em forma de pombo) é seguido por canoas. Um personagem, chamado proeiro, solta nas águas pequenos barquinhos escavados em pedaços de madeira com uma vela acesa ao centro. São acompanhados pelo som dos foliões do divino, que reverenciam o padroeiro tocando seus instrumentos. Em algumas dessas comunidades realizam ainda, no sábado, um almoço destinado às crianças, chamado de “a mesa dos inocentes”, no qual os pequenos são servidos pelos adultos com a comida preparada somente para esse fim. Outro importante símbolo dessa festividade é a alvorada do divino, adaptada segundo as possibilidades de cada lugar<sup>18</sup> No dia do padroeiro, a comunidade festeira oferece almoço gratuito para todos os presentes e, no dia da derrubada dos mastros, a partilha de alimentos se repete como parte da festa.

Como busca por inovação, algumas comunidades ensaiam pequenos festivais musicais, concursos de calouros ou organizam outras formas de participação de pessoas da localidade com brincadeiras próprias e jogos que podem favorecer a evangelização. Em busca de superar a tendência apenas a gerar renda, realizam a festa do santo em dois ou mais momentos distintos: um momento é o social, quando se faz o baile dançante, o torneio de futebol, os leilões, o bingo e as vendas. No momento litúrgico, o destaque é, de fato, a oração litúrgica, a missa, ou a celebração da Palavra bem celebrada, sem a pressa comum dos dias de trabalho cotidiano ou das festas populares.

<sup>17</sup> Termo utilizado pelo povo para designar todo o procedimento de soerguimento dos mastros.

<sup>18</sup> Durante a noite os foliões passam nas casas dos chamados ‘juízes da festa’ e em algumas casas de devotos, previamente combinados, realizando o rito da ladainha e, ao final, a família partilha algum alimento com os participantes.



## 6. O MOMENTO ESPECIAL DE EVANGELIZAÇÃO

O festejo das comunidades é um tempo muito especial para a evangelização. Inseridos no âmbito da religiosidade popular, vão muito além do aspecto convencional da pastoral. Reúnem-se nessas ocasiões todo o povo. Nem sempre estão presentes apenas os católicos. Por isso é ocasião propícia para fazer ecoar a todos a boa nova de Jesus. Esses momentos abrem um leque de possibilidades para a abrangência do anúncio e vivência do Evangelho, muito em sintonia com os documentos do magistério eclesial, dentre os quais se pode destacar o Documento de Aparecida, a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, e o atual Plano Diocesano de Evangelização.

Na V Conferência do CELAM, o papa Bento XVI, na Sessão Inaugural dos Trabalhos, apresenta com muita propriedade o que irá ser retomado ao longo do Documento, sobre a importância da religiosidade popular.

Esta religiosidade se expressa também na devoção aos santos com suas festas patronais, no amor ao papa e aos demais pastores, no amor à Igreja universal como grande família de Deus que nunca pode nem deve deixar a sós ou na miséria seus próprios filhos. Tudo isso forma o grande mosaico da religiosidade popular que é o precioso tesouro da Igreja Católica na América Latina, e que ela deve proteger, promover e, no que for necessário, também purificar (DAP, p.269).

Essa rica tradição dos festejos é a expressão comunitária da devoção aos santos e que foi deixada como herança do trabalho dos primeiros missionários nas terras amazônicas. Eles souberam aproveitar o senso religioso e imprimir no povo a prática da religião cristã. A devoção aos santos padroeiros, como parte desse momento inicial da evangelização, começou como devoção familiar, até tornar-se celebração comunitária<sup>19</sup>.

Assumindo a importância destes momentos como espaço evangelizador, é possível reconhecer, dentre outros, os seguintes traços de sua riqueza: a longa história em que estas experiências foram sendo vividas e transmitidas como herança de fé entre as gerações; em algumas localidades, por vários anos não houve eucaristia, nem a presença do padre ou da equipe de pastoral, mas, a devoção aos santos e as festas alimentaram a identidade cristã católica das famílias.

Superando os limites de uma devoção feita de atos puramente externos, a festa do santo se configura como momento de alegria, de encontro para partilha da vida. As doações de alimentos para os leilões, as doações para os bingos, as novenas e terços na intenção da comunidade, o trabalho gratuito: tudo isso, associado à comunhão com toda a Igreja, através de melhor compreensão da fé celebrada, pode ser enfatizado como elemento que expressa a vivência do evangelho.

A devoção aos santos padroeiros não pode ofuscar a centralidade do Mistério Pascal de Cristo e, por isso, pode ser assumida a partir do testemunho inspirador dos santos na vida do cristão, de tal modo que não se torne culto ou celebração ao santo, mas celebração da vida cristã a partir de sua inspiração de fidelidade a Cristo e do seu amor aos irmãos. Tais momentos, sendo expressão da religiosidade popular trazem consigo a riqueza da encarnação da fé na cultura do povo (EG 90). É experiência concreta e expressão do jeito

<sup>19</sup>SILVA, F. Agnaldo Barbosa da, p.17-18.



como o povo acolheu o evangelho anunciado em sua própria cultura. Por isso há que se observar e evitar tanto o excesso quanto a escassez na prática devocional (LG 67), bem como não desvirtuá-la, deixando-se envolver pelo mundanismo espiritual (EG 93) ou falsas espiritualidades (EG 262).

Em sintonia com esse desejo da Igreja, o atual Plano Diocesano de Evangelização apresenta sua diretriz: o texto orienta às coordenações das festas dos padroeiros que valorizem as celebrações, respeitem a cultura das comunidades, resgatem o seu sentido religioso, evitem a droga-dicção, promovam a paz. Acrescenta-se ainda o cuidado em evitar a exploração politiquera desses momentos<sup>20</sup>. Não se trata de momentos de grandes ou pesadas explanações da doutrina, e sim de aproveitar para motivar a vivência da fé a partir da devoção aos santos, fundamentando-se na Palavra de Deus escrita na Bíblia, encarnada na história, atualizada na celebração litúrgica e assumida na vida cotidiana. Assim, a festa do santo torna-se celebração da vida do povo, sintonizada com o Evangelho de Jesus Cristo.

## CONCLUSÃO

Nas comunidades ribeirinhas da diocese de Coari, a festa do santo é realizada como expressão da evangelização em processo de desenvolvimento. A cultura assimilou o Evangelho. Por meio da inspiração dos santos e santas, o povo celebra nesses momentos festivos a própria caminhada de fé. A Páscoa de Jesus, celebrada nessas liturgias comunitárias, não é ofuscada pela devoção: é vivida na simplicidade da oração litúrgica da comunidade.

A festa do Mistério Pascal, renovada em cada liturgia, é celebrada como evento e como mistério de salvação. É vivida como evento no qual o povo se encontra para uma pausa na vida cotidiana, a fim de alimentar as energias na alegria da convivência com os irmãos e com Deus para continuar a labuta diária. É celebrada como mistério de fé, comunhão e compromisso, pelo qual o devoto eleva a Deus sua prece pela intercessão dos santos e externa seu compromisso com a Igreja, com Deus e com os irmãos mediante sua oração, sua doação e serviço à comunidade, numa caminhada de inserção permanente na vida de Jesus e acolhida de sua presença na vida das pessoas. Essa experiência pouco a pouco insere o fiel numa constante renovação da vida pessoal, familiar e comunitária.

Eis o desafio permanente para a evangelização nessa região. À medida que consegue renovar-se, celebrando, festejando e acolhendo as novidades do Espírito, a comunidade cresce e se torna madura, isto é, não se encontra apenas para celebrar anualmente, mas o faz semanalmente; não limita sua ação apenas aos momentos festivos, mas torna-se ambiente de permanente convivência, lugar da partilha, da solidariedade, do acolhimento, onde o Evangelho, conhecido e proclamado a partir da Bíblia, encarna-se na vida diária e a própria comunidade torna-se boa notícia para todos, superando as tendências e tentações de desvios e deturpações da vida e da prática religiosa. Em caso contrário, todos os seus elementos evangelizadores perderão sentido.

---

<sup>20</sup> PRELAZIA DE COARI. *Plano de Evangelização (2016-2019)*, Coari: 2015, 4ª dimensão, pista de ação nº 10.



Mesmo com os pequenos sinais de risco, vale a pena continuar a festejar. A Páscoa de Jesus, celebrada a partir do testemunho inspirador dos santos padroeiros, não é evento pontual desligado da vida diária. É Mistério celebrado e é celebração vivida nas expressões cotidianas. Por isso pode-se dizer que se celebra na festa o que se realiza na vida, e realiza-se no cotidiano o que a celebração inspira. A festa das comunidades é sinal de que elas estão vivas e em processo contínuo de crescimento na evangelização.

## BIBLIOGRAFIA

- ABREU, Regina. Patrimônio cultural: tensões e disputas no contexto de uma nova ordem discursiva, in *Antropologia e patrimônio cultural, diálogo e desafios contemporâneos*, Blumenau: Nova Letra, 2007, pp.262-283.
- ALVES, Vânia de Fátima Noronha. A festa como possibilidade de mobilização social, disponível em: <[redcreacion.org/documentos/congreso10/VNoronha.html](http://redcreacion.org/documentos/congreso10/VNoronha.html)>, acesso em: 10/03/2016.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.
- CELAM. *Documento de Aparecida*. São Paulo: Paulus, Paulinas, 2007.
- CONCÍLIO VATICANO II. *Constituições. Decretos e Declarações*. 22ª ed. Petrópolis: Vozes, 1991.
- DIOCESE DE COARI. *Plano de Evangelização (2016-2019)*, Coari: 2015.
- HOORNAERT, Eduardo. *História da Igreja na Amazônia*, Petrópolis: Vozes, 1992.
- FRANCISCO. *Evangelii Gaudium: Exortação apostólica do Sumo Pontífice*, (24 de Novembro de 2013), São Paulo: Loyola; Paulus, 2013.
- PAULO, Antônio. Governos do Norte planejam ação conjunta para combater ataques dos 'piratas dos rios' in *Jornal Acrítica* 19 de fevereiro de 2016, disponível em <[http://acritica.uol.com.br/noticias/Governos-seguranca-Norte-conjunta-combater\\_0\\_1525647425.html](http://acritica.uol.com.br/noticias/Governos-seguranca-Norte-conjunta-combater_0_1525647425.html)> (acesso em 25/04/16).
- PRELAZIA DE COARI. *Plano de Evangelização (2010-2013). Renovar a missão e avançar na evangelização*. Coari: 2010.
- R.T.B. Calendário Litúrgico, in *Novo Dicionário de Teologia*, São Paulo: editora Hagnos, 2009, pp.168-169.
- REGIS, Gutemberg Freire. *Pistas da caminhada*. Manaus: Belvedere, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Pistas das assembleias*. Manaus: Belvedere, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Pistas ribeirinhas*, Manaus: Belvedere, 2001.
- SANTOS, Luciano dos. A festa da páscoa: um olhar panorâmico em sua gênese e evolução, in *Revista de Cultura Teológica*, v. 18 – N.72 - Outubro/Dezembro 2010, São Paulo: pp.181-182.
- SILVA, Francisco Agnaldo B. da. O resgate do catecumenato na formação dos cristãos na prelazia de Coari, 2008, 149 p. Dissertação (Mestrado em Teologia Sistemática) Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, São Paulo.

Recebido em: 10/06/2016  
Aprovado em: 24/10/2016